S. PAULO (Brazil) — **Sabbado, 25 de dezembro de 1909** — **ANNO IV — NUMERO 11**

Assignaturas para o Brazil
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
ANNO . . . . 15$000
SEMESTRE . . . . 8$000
PAGAMENTO ADIANTADO

FUNDADOR: **BENJAMIM MOTA**

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé, 5 (sobrado)
Endereço telegraphico: LANTERNA
Numero do dia 100 rs.
Apparece aos sabbados

Natividade

Não sendo o culto mais do que a expressão figurada dos mythos astronomicos ou scientificos sobre os quaes se baseiam as religiões, encontrar-se-ão no christianismo as cerimonias que constituiam antes a manifestação exterior e symbolica do mytho védico.

Todos os annos se celebrava o nascimento de Agni (o fogo), que os sacerdotes astronomos faziam corresponder ao solsticio de inverno, epoca em que o sol parece começar uma vida nova. Esta data era indicada por uma estrella cujo apparecimento no ceu coincidia com o solsticio. Como o fogo no culto vedico era consubstancial com o sol, celebravam-se com a mesma cerimonia o nascimento do sol e o do fogo. Esta fusão do elemento igneo com o mytho solar encontra-se nas religiões da antiguidade.

Entre os romanos, as confrarias de Baccho, de Mithra, de Venus e de Isis celebravam todos os annos, em 25 de dezembro, esta natividade divina. Em todo o imperio se levava em procissão a imagem do deus nascente recostado no seu berço, como é representado por uma figura antiga de terra-cocta. Com os gritos de —«Evohé Baccho!» misturavam-se os de — Annual! ou Natal! isto é, nasceu-nos um deus.

Nas confrarias de Isis, os sacerdotes da divindade, tendo a cabeça marcada com larga tonsura e vestidos de sobrepelizes brancas, passeavam a imagem de Horus. O joven deus, que acabava de nascer para a felicidade da terra, era representado nos braços da Virgem sua mãi, Isis.

Mithra, «o sol invicto», tinha tambem a sua festa em 25 de dezembro. A festa do sol assignalava o principio do anno, o dia do «sol novo», *sol novus*, como se dizia em Roma.

Este dia, universalmente celebrado, foi adoptado pela Igreja como o do nascimento do Christo. «Os christãos, diz um documento syrio, tomavam parte nas festas e regozijos do dia do sol novo. Apenas os doutores da Igreja observaram isto, resolveram fixar neste dia o nascimento do Senhor».

No symbolismo christão encontra-se o berço onde o menino recemnascido descansa na palha ao lado da Virgem sua mãi, a vacca e o asno mystico dos Vedas, e até o pequeno abano, que sería um contrasenso numa scena dada no inverno e de noite, se não reproduzisse inconsciente, mas exactamente, um mytho primitivo no qual tinha uma representação importante, pois servia aos sacerdotes para atiçar na palha as primeiras chispas de fogo que brotavam na swastika. Este pormenor caracteristico, intercalado no symbolismo christão, revela claramente a verdadeira origem. Acha-se figurado num dos baixos-relevos do cemiterio de Santa Ignês, em Roma, e em muitos outros monumentos que representam uma personagem agitando o pequeno abano diante do menino que acaba de nascer (Burnouf). Numa pintura da natividade, da igreja de Santa Maria, em Milão, vê-se uma personagem saindo duma nuvem e tendo na mão o abanico oriental. Numa taça encontrada no cemiterio de Calixto, uma personagem agita o abanico em volta da cabeça do menino Jesus sentado nos joelhos de sua mãi.

Por imitação symbolica introduziu-se o abanico até nas imagens da natividade da Virgem, como o mostra uma pintura grega do museu do Vaticano.

O abanico do mytho vedico acha-se ainda na liturgia primitiva, segundo a qual era agitada sobre o altar durante o sacrificio da missa, desde a oblação até á communhão, exactamente como o certifica um cylindro assyrio.

Esta pratica perpetuou-se na Igreja romana até ao seculo XIV. Subsiste ainda no rito grego e no rito armenio.

MALVERT.

(Do livro *Sciencia e Religião*).



— Fia-te na Virgem e não... mettas as mãos nos bolsos e verás como a bomba aspirante da Igreja os deixará limpos...

O sr. dr. Hermann von Ihering
E "A LANTERNA"

Para comprehensão do incidente que passamos a narrar e das explicações que elle originou, publicamos em seguida a carta que, em 11 do corrente, sentimos a necessidade de dirigir ao Sr. Dr. Hermann von Ihering, director do "Museu Paulista."

—

Exmo. Snr.

O n.º 8 do nosso jornal, endereçado a V. Exa., foi-nos devolvido com as seguintes palavras: "Naturalista moderno — sim! mas não anarchista e para sujeitos da altura moral de Ferrer só tenho desprezo. Von Ih." Iamos commentar no jornal esta opinião, quando — tal a nossa surpresa! — nos occorreu que não seja authentica, e por isso resolvemos, antes de toda discussão publica, tomar a liberdade de lhe escrever particularmente, rogando-lhe o especial obsequio de nos dizer se são bem de V. Exa. aquelles conceitos e, no caso affirmativo, se quer ter a amabilidade de os desenvolver e esclarecer.

Em primeiro lugar, não comprehendemos por que motivo V. Ex.ª, recusando, como é seu direito estricto, a nossa modestissima folha, allega que não é anarchista! Já o suspeitavamos, mas não cremos que alguem tenha de o ser para ler a *Lanterna*, que dá lugar a todos os anticlericaes e livres-pensadores, de qualquer matiz politico ou social que sejam. Será porque, como todos os livres-pensadores e liberaes do mundo, inclusive grande numero de monarchistas, verberamos indignadamente, vehementemente, o monstruoso crime medieval commettido contra o educador Francisco Ferrer, por mero e exclusivo *delicto* de pensar e de ensinar?

Ferrer era anarchista — isto é, concebia o ideal duma sociedade sem governo nem propriedade privada, duma moral sem sancção nem obrigação (como Guyau), doutrina essa ainda ha pouco exposta num manifesto espalhado nesta cidade e do qual juntamos um exemplar recebido — mas isso não achamos que possa diminuir a infamia e a injustiça do assassinato praticado contra elle, após uma ignobil farça judiciaria. A' frente do protesto contra tal crime acham-se notabilidades da sciencia e da politica, que de modo algum podem considerar-se anarchistas.

Não pode igualmente influir na apreciação dessa injustiça a moral de Ferrer. Nem sabemos que ideia forma della V. Exa. e quaes as razões precisas que o levam a sentir e proclamar o seu desprezo. Um espirito verdadeiramente scientifico não se deixa arrastar a conclusões prematuras, arriscadas, apaixonadas: teriamos, pois, grande prazer em conhecer os seus motivos. A sciencia, se não é simples e fria erudição, se não é a sciencia do collecionador apenas, parece-nos que deve inspirar a tolerancia e a prudencia nos juizos.

A nossa perplexidade perante a estranha opinião de V. Exa., se é realmente sua, não diminue perante a affirmação de ser *naturalista moderno*. A que proposito o diz? Dará V. Exa. porventura a essa expressão o sentido duma doutrina social? Do contrario, não sabemos bem a que venha, e causa-nos estranheza, como a de alguem que nos dissesse ser medico, chimico, astronomo ou sapateiro moderno, mas não socialista... Haverá incompatibilidade entre o facto de ser naturalista e o de ser anarchista ou defensor de Ferrer? Os anarchistas têm contado e contam no seu seio naturalistas e biologistas de primeira grandeza; e quanto a Ferrer, temos por exemplo Haeckel (naturalista moderno, que o nosso horror á bajulação directa nos impede de pôr em confronto com V. Exa.), o qual não se vexou de ter Ferrer como presidente e companheiro na «Liga Internacional para a Educação racional da Infancia» e que, na Allemanha, não sendo anarchista, mas naturalista moderno, se poz á frente do movimento de indignação contra o crime do governo e dos jesuitas de Hespanha.

Muito nos obsequiará, portanto, V. Exa., honrando-nos com uma resposta ás nossas duvidas e interrogações.

Nessa esperança, somos com elevado apreço, etc.

—

O Sr. Dr. von Ihering respondeu-nos amavelmente da seguinte forma:

"Accuso recebida a sua carta de 11 do m. c. e em vista da delicadeza de sua carta não pude deixar de escrever-lhe o artigo que expõe a minha opinião no caso Ferrer. Não é entretanto a minha intenção de entrar em polemica jornalistica e peço pois desculpas se não me occuparei novamente do assumpto.

Julgo uma utopia o seu programma, sendo isto agora a segunda vez na minha vida que me encontro em discussão sobre o mesmo assumpto. A primeira vez foi com o eminente collega Elisée Reclus, que muito se interessou por meu estudo «A propriedade particular no reino animal», publicado só em allemão. Nestas condições peço continuar a mandar-me o seu jornal e nestes dias mandar-lhe-hei o referido artigo.

Com toda estima e consideração, etc.

H. VON IHERING."

—

O artigo que o Sr. Dr. von Ihering teve a boudade de escrever para nós já está em nosso poder; mas em vista da sua extensão e da do nosso commentario, ficam ambos para o proximo numero.

Entretanto, chamamos a attenção do Sr. Dr. von Ihering e dos leitores para o que, desde o numero anterior estamos publicando sob a epigraphe de *Subsidios para a historia dum crime.*

Benjamim Mota

não sendo redactor de A Lanterna, *mas simples collaborador, e vindo raramente á redacção, pede aos amigos o favor de não endereçarem ao seu nome a correspondencia relativa ao jornal.*

Excursão de propaganda

Está percorrendo a linha Mogyana, em propaganda d'*A Lanterna*, encarregando-se ao mesmo tempo da cobrança, o nosso companheiro de redacção Eduardo Vassimon.

Em todas as cidades por onde passar o nosso companheiro fará conferencias, se o local for obtido, para o que, esperamos, os nossos correligionarios envidarão todos os esforços.

E dos assignantes aguardamos toda a boa vontade em lhe facilitar a cobrança, concorrendo, desse modo, para a nossa prosperidade.

O nosso companheiro visitará as seguintes cidades: R. Preto, Jardinopolis, Salles Oliveira, S. Joaquim, Sertãozinho, Franca e Uberaba. E na volta S. Simão, Cravinhos, Casa Branca, Mocóca, S. José do Rio Pardo, S. João da Boa Vista, Mogy-Guassú, Espirito Santo do Pinhal, Mogy-Mirim, Amparo, Soccorro, Campinas, Jundiahy, etc.

Opportunamente indicaremos os demais logares em que o nosso companheiro tocará no seu regresso.

Para que a sua tarefa seja menos fatigante insistimos para que os nossos assignantes se promptifiquem a auxilia-lo do melhor modo, afim de que o progresso d'*A Lanterna* se accentue cada vez mais para terror dos negros representantes do clero.

Sermões ao ar livre

Em verdade vos digo que a terrivel carta comminatoria que Um filho de Maria *dirigiu á* Lanterna *me deixou mergulhado na perplexidade mais orthodoxa.*

Com effeito, já o facto de se dizer um *filho de Maria parece dar heretico apoio aos exegetas que de varias passagens biblicas deduzem que o Unigenito perde o direito a este privilegio... Nem lhe sirva, ao novo filho de Maria, a capciosa desculpa de que é só filho espiritual, pois espiritualissimo tambem Christo o foi. Concebido por obra e graça do Divino Espirito, ninguem mais do que Christo tem direito a entrar nessa categoria physiologica, excepto talvez — se é valida a opinião que do mesmo glorioso berço de D. Nery nos vem — os filhos marsupiaes da sarigueia e do kangurú...*

*Não param aqui as tremendas blasphemias do heretico collaborador d'*A Lanterna *— contra o qual, em nome da orthodoxia catholica, aqui deixo consignado o meu solenne protesto.*

Elle offende a sublimidade da lei eterna de Deus, que ordena: «Não matar!»; elle suppõi, elle crê, elle affirma que o Deus Omnipotente é impotente para se defender a si mesmo e zelar a sua propria dignidade; que a Igreja Indestructivel pode desabar, como um fragil castello de cartas, ao debil sopro de satanicos insultadores, se não a esteia o punhal do assassino! (No tempo de Ravaillac não havia revólveres). Elle torna o Diabo igual a Deus, Satan capaz de neutralizar a invencivel influencia do Todo-Poderoso, attraindo sobre o Brasil, sobre innocentes e peccadores, as iras pouco decentes e soberanamente injustas do Deus infinitamente justo!

*E' horrivel! Como pensar que as fulgurantes verdades catholicas possam receber a minima offuscação perante os grosseiros insultos das trevas? Como admittir que um cão, ladrando ao meio dia, possa alargar, um millimetro que seja, as manchas que empanam a clarifulgencia do Divino Sol?... E' horrivel, horrivel! Tinhoso, alliado d'*A Lanterna, *prepara as tuas caldeiras e aviva o teu braseiro!*

A existencia mesma de uma imprensa catholica é uma heresia, porque a Verdade unica, immutavel e eterna não precisa de defesa nem de assalariados: ella refulge de per si. Mas se o moderno Filho de Maria Santissima quer jornaes para, como num orgam liturgico, sob a nave luminosa do ceu, entoar hosannas ao Altissimo, á sua Obra e á sua Igreja, não lhe basta o Mensageiro Parochial, *com o sapiente Osamis, o membro da Academia Paulista e o sabio autor das investigações sobre a virgindade das sarigueias? Não lhe bastam as riquezas e influencia social da sua Igreja e a mole colossal e poderosa da «Boa Imprensa»? Como ousar ainda invocar o espectro tragico do monge Ravaillac?*

Errada invocação, aliás, a do frade bernardo regicida; porque então tratava-se de guerra, de luta armada; era a disputa do poder entre a Liga e o filho de Jeanne d'Albret. Agora são modestos «insultos». Mais acertado então seria invocar o assassino do poeta Garcia Vaz, redactor de Las Domenicales.

Senhor! Senhor! Na tua divina misericordia, illumina a mente transviada de teu irmão blasphemador — não só para tranquillidade e firmeza dos nossos ossos, como para consolo e salvação da tua alma!

ZENO VAZ.

Indirectas do sr. Ruy

O discurso do sr. Ruy Barbosa na Academia de Direito desagradou a muita gente.

O basbaque Washington Luiz, esse saiu de lá furioso, dizendo ao seu ajudante de ordens:

— O tal genio entendeu implicar commigo hoje. Imagine que eram só indirectas... Esta, por exemplo, que elle soltou, é muito directa a mim por causa dos elogios pagos ao Adolpho Araujo:

«Crê-se na efficacia glorificadora dos septis das verbas secretas.»

E esta outra:

«Assim como, na opposição, não sabemos ter modo entre a liberdade e a demagogia, assim não sabemos, no governo, guardar equilibrio entre a firmeza e a arbitrariedade.»

Isto é commigo. Quando eu era um advogadinho sem causas em Batataes, eu era liberal, municipalista e não sei quantas coisas mais. Agora governo, só sei fazer violencias. E o tal genio pespegou-me pelas ventas com a censura. Parece até que alguem foi narrar-lhe o caso Rossoni, o assalto da Federação e todas as proezas que mandei fazer na Agua Branca para servir o meu grande amigo conde Asdrubal que S. Santidade o Papa abençoou.

Esta tambem é commigo:

«Quer-se a publicidade subserviente, corrompida, louvaminheira.»

Tal qual como nós. Só queremos publicidade no genero *Gazeta, Platéa* e *Correio Paulistano.*

Toda pessoa que nos obtiver 10 assignaturas pagas (annuaes ou semestraes) terá direito a uma gratis pelo tempo correspondente.

Lanterna magica

Ruy Barbosa e Ferrer

Ruy Barbosa, no seu discurso na Academia de Direito, disse:

«Não obstante o odioso typo de Ferrer, as suspeitas de quebra da integridade judicial no seu processo levantaram de continente a continente um movimento geral contra a inexorabilidade do governo hespanhol.»

Diante das palavras — O ODIOSO TYPO DE FERRER — estamos no direito de perguntar ao sr. Ruy Barbosa:

Conhece s. s. a obra e a vida de Francisco Ferrer, ou foram os jesuitas de Friburgo que lhe ministraram informações a respeito do martyr de Montjuich?

S. s. não conhece nem a formosa obra nem a nobilissima vida da victima do jesuitismo e da reacção monarchica hespanhola, e, conseguintemente, as suas palavras — O ODIOSO TYPO DE FERRER, traduzem tão sómente o odio theologico que lhe infiltraram no coração os seus bons amigos de roupeta, esses mesmos homens que s. s. no *Papa e no Concilio* atacou da maneira mais feroz e mais desabrida.

O sr. Ruy Barbosa abusou do seu prestigio e da sua situação — não sabemos se para fazer jus a mais alguns votos! Ah! politica! a quanto obrigas!

A sua cultura e as responsabilidades da sua situação impunham-lhe a maior circumspecção nos seus juizos — sobretudo quando formados sobre homens que, tendo podido viver tranquillamente no ocio e na riqueza, por um ideal lutaram e morreram.

⚜

Sciencia clerical

Para documentar o que temos escripto sobre a falsa sciencia da padralhada, transcrevemos os ironicos commentarios de Medeiros e Albuquerque:

O padre João Carvalho do Amaral publicou em um pequeno folheto o que elle chama a «Historia dos Fundadores do Protestantismo». E' uma borracheirinha, a que não valeria a pena alludir, se não tivesse a nota de que foi editada «com as licenças necessarias». Assim, houve uma autoridade superior ecclesiastica, que leu essa miseria e a approvou. E' isso o que lhe dá importancia.

Assim mesmo, a coisa é tão ruim que não se deve perder com ella muito tempo. Basta citar tres preciosidades extrahidas de suas paginas, nas quaes só o que o autor fez foi reunir as mais estupidas calumnias contra os protestantes.

Elle escreve serenamente: «...as moças solteiras protestantes não são, não podem ser honestas...»; e em outro ponto: «...o protestantismo faz a apotheose dos maiores crimes, das mais vergonhosas immoralidades, que excedem a todos os calculos da razão humana.— E isso diz o criterio moral do escriptor.

Para o criterio historico, podem citar-se esta rapidas palavras: Henrique VIII, rei da Inglaterra, teve seis mulheres e quasi todas foram assassinadas...» Ora, Henrique VIII teve effectivamente seis mulheres, mas dessas só duas foram processadas e executadas. De duas para «quasi todas» já ha alguma distancia... E' possivel que uma tenha sido mal julgada; mas a segunda foi processada muito regularmente e confessou inteiramente o seu crime. Soffreu, portanto, muito merecidamente, a pena que lhe cabia.

A divisão do trabalho



— Trabalham os magros pobres, eu engordo e conto os cobres.

Mas onde o padre Amaral chega ao sublime é na theologia. Para explicar como Maria, mãe de Christo, póde continuar a ser virgem depois de ter tido o filho, elle tem o extraordinario argumento, que eu passo a copiar «ipsis verbis»:

«A historia natural fala, como sabemos da sarigueia (gambá) e do «cangurú»; ora estes animaes dão á luz os filhos e, emquanto estão pequenos, os recolhem em uma bolsinha e ali vão crescendo; desta fórma, depois de rigoroso exame, se conhece que a gambá e o cangurú parem e ao mesmo tempo conservam os predicados da virgindade...»

Aqui, eu sinto que preciso fazer uma pausa e reproduzir o gesto dos homens do povo: pôr os dedos em cruz sobre a bocca e jurar-lhes «por esta luz que me está alumiando», que eu copiei direitinho. Lá está no livro do padre a affirmação da virgindade perpetua das gambás e cangurús! E' bom repeti-lo porque a ideia de comparar a Virgem Maria a uma gambá e o Christo a um jovem cangurú só podia acudir ao padre João Carvalho do Amaral...

O livro é, entretanto, editado pelo «Centro de Propaganda Catholica» de S. Paulo, e foi approvado pelas autoridades superiores da igreja. »

Os bons padres...

Mais um caso como o da Ajuda, a que ha dias nos referimos. Desta vez trata-se de uma criança, que no sabbado ultimo falleceu na rua da Industria, 14, cave, e cujo pai ha meses desempregado não tinha com que pagar 2$400 réis que exigia o prior de Alcantara para as suas ladainhas. A mãe, que ganha apenas 300 réis por dia, com que tem de sustentar a familia, não podia tambem satisfazer a ganancia do reverendo obreiro do Senhor. Afinal foi por intermedio da Misericordia que se realizou o enterro, 51 horas depois da morte! Não nos parece necessario commentar factos como estes cuja simples exposição é mais eloquente do que tudo quanto pudessemos dizer. E ainda ha quem não recorra ao registo civil para todos os actos da sua vida como da dos seus! Da vida e da morte.

São do *Mundo*, diario de Lisbôa, as linhas acima, em que bem se vê que, em toda a parte, o padre é sempre o mesmo: ganancioso, avarento e de um mercantilismo a toda prova.

Não ha sacramento de graça.

Felizmente que a freguezia vai diminuindo e os templos vão ficando entregues ás baratas.

Decididamente a romanismo é a religião do dinheiro.

A comedia das bombas

Sob este titulo publicou um dos mais importantes diarios de Lisbôa, em data de 27 de outubro:

Afinal, o padre Pio, o tal que descobriu a bomba na igreja do Corpo Santo, diz não ter fugido. O sacerdote correu apenas a dar o alarme, a avisar as pessoas que estavam no templo e os seus companheiros que estavam para vir para o templo. De tudo, como se vê, se lembrou o padre, menos do que era mais natural e humano: Prender o desconhecido, ou chamar para elle as attenções, fazendo-o prender. O padre deixou na melhor paz o autor do attentado que tão profundamente o assustou, dando-lhe tempo para fugir, sem que ninguem corresse sobre elle.

*

Os padres do Corpo Santo reclamaram perante o ministro da Inglaterra, sobre o caso da bomba, e aquelle ministro já hontem conferenciou com o ministro dos estrangeiros. Parece que hontem os padres de S. Luis procederam igualmente ante o ministro da França.

Houve, como se vê, o cuidado de collocar as bombinhas em templos estrangeiros para se poderem fazer reclamações de natureza diplomatica. Neste ponto, foram intelligentes os comediantes—por saberem o paiz em que vivem.

Realmente não passa de uma comedia o caso. Não só deram tempo a que fugissem os taes *atiradores* de bombas como escolheram templos estrangeiros para melhor exito das reclamações.

São mesmo de força esses roupetas em seus manejos e insidias.

Poeira aos olhos

ROMA—Os jornaes publicam despachos de Madrid noticiando que o sr. João Perez Caballero, ministro do Exterior, entregou uma nota ao nuncio apostolico, monsenhor Vico, manifestando o desejo do governo de renovar a concordata com o Vaticano.

A nota do sr. Perez Caballero declara que é necessario modificar algumas clausulas da concordata, que não teem razão de ser pela sua antiguidade, e accrescenta que o governo hespanhol não pretende, com esse desejo, desrespeitar o dogma da infallibilidade do pontifice.

Ahi temos um governo «liberal» mais papista que o papa! Antes de Pio IX os papas não se julgavam infalliveis.

Gregorio Magno dizia: «Porque vos admirais vendo que *somos ás vezes enganados*: não somos nós homens como os outros?» (*Greg. Dial.*, liv. IV, cap. 4.)

Clemente VI, Greg. IV e Gregorio XIII declaram que «se alguma coisa ensinaram contraria á fé catholica. *a retractam.*» (LUCA DACHERII, *Spicileg* tomo IV.

Declarações igualmente negativas da infallibilidade fizeram tambem Clemente VII, Innocencio III, Nicolau V e Adriano VI.

Este ultimo é bem claro: «*E' certo que o papa pode errar mesmo em materia de fé*, assumindo nas suas determinações e nos seus decretos coisas que são hereticas; pois que *muitos papas foram hereticos.*»

Estes imprudentes não tinham previsto o dogma da infallibilidade.

Excommungado

Está irremissivelmente condemnado ás penas eternas *O Rebate*, nosso collega dessa capital, pois em seu numero de 20 do corrente publicou o seguinte:

Temos sobre a mesa o numero 31 da *Boa Imprensa*. orgão de propaganda jesuitica, dirigido por A. Campos.

Na sua primeira pagina, estampa dois *clichés*, representando o inhibido conego Carneiro, de Pedrão, Bahia, na sua aula de Catecismo, cercado de infelizes crianças.

O adiposo Carneiro, que mais se assemelha a um porco, está, de facto, emporcalhando a alma daquelles innocentes, cobrindo-as de theorias retrogadas, de temores de Inferno, de coleras divinas, de rancores religiosos, de odios, de intolerancias...

Ora, se o Papa é contra o modernismo, se procura criar obstaculos ao progresso e desenvolvimento espiritual do seculo—é naturalissimo que o parocho de Pedrão ensine a resar ás crianças, em vez de ler e escrever.

Desgraçadamente uma parte do povo brasileiro ainda se submette aos perniciosos ensinamentos do clero, e consente que seus filhos e filhas assistam aulas de catecismo e se confessem, embrutecendo o espirito, corrompendo a moral...

Por outro lado, alegra a propaganda tenaz e fecunda do livre-pensamento, que vai conseguindo afastar da igreja e dos antros de corrupção que ella mantem os homens de boa fé e de espirito esclarecido.

Muito de accordo com as affirmações do collega desde já lhe asseguramos a nossa solidariedade e estamos promptos a ir juntos para o inferno, aliás muito procurado, desde que o paraiso ameaça ruina, por falta de verba para os reparos.

A verba é toda consumida aqui na Terra, pelo papa e seus sequazes.

Ainda nesse numero o *Rebate* traz mais esse trecho, que não podemos deixar de transcrever:

A. Campos, cujo lombo já está callejado pelas corridas em pêlo que lhe têm dado os livres-pensadores, teve para comnosco um gesto proprio da sua casta: levantou as traseiras e quiz mandar-nos um par de couces.

Felizmente *A Santa Madre Igreja* andava perto e as patas do bruto foram bater em cheio nas faces dessa rameira que a *caftinagem* do clero explora ha muitos seculos.

Assim é que, pretendendo confundir-nos, A. Campos teve a coragem de affirmar que a *Santa Madre Igreja* TEM VINTE SECULOS DE TRIUMPHOS!

Se tal coisa fosse escripta para selvicolas em catechese ou para beatas histericas que caem em deliquio nos braços dos reverendos, á porta dos confessionarios, a coisa não teria uma resposta. O contrario, porém, se observa: A. Campos está escrevendo em um meio culto, para um publico que estuda e pode argumentar.

Em que republica estamos nós?

No Rio foi preso o portuguez Diogo Ramires, a requerimento do governo de Portugal—que, segundo noticiaram os jornaes, prometteu mandar os motivos pela mala seguinte!!

Dizem que esses motivos são o estar implicado no regicidio do Terreiro do Paço! A imprensa, a opinião, os que neste paiz ainda amam a liberdade, permittirão que se perpetre uma infamia inaudita?

O rei Leopoldo

Morreu o catholico rei Leopoldo, o rei do Congo e das amantes...

Esperamos que os virtuosos jornaes catholicos—sem necessidade de calumniar, como a respeito de Ferrer—o gratifiquem generosamente comos qualificativos de bandido, ladrão e torturador de negros, libertino desenfreado, mau pai, mau marido, homem de pessima moral...



Entre dois republicanos portuguezes:

—Então, que te parece a prisão do compatriota Diogo Ramires como implicado num crime politico lá, na terra. Que te parece esta liberdade... republicana?

—Parece realmente muito ás ordens da liberdade monarchica da nossa terra e muito semelhante a ella!

Um Santo purificador



Bibiano Eugenio de Castro

Ha mais de um anno, a *Folha do Povo*, cuja fusão com a velha *Lanterna* deu o presente jornal, fez uma campanha contra o pastor Bibiano e a Igreja Evangelica Militante, de sua creação. Ali revelámos a obra de embrutecimento e de fanatismo desse fundador duma religião; ali falámos de deflora mentos, de casamentos e descasamentos, da exploração praticada pelo novo baptista, purificador de donzellas...

Agora o escandalo rebentou com estrondo. A familia de duas «purificadas» queixou-se; o juiz dos orphãos interveio; interveio a policia; e as porcarias vêm vindo todas á suppuração.

O pastor Bibiano fundou, como muitos outros, uma religião; fez-se adorar, venerar, idolatrar até ao fanatismo mais denso pelos seus incultos fieis. Com as esmolas destes, construiu um templo, onde residia, onde fazia as suas predicas e exercia o seu ministerio, e onde sobretudo tinha uma sala, um santuario, o *sancta sanctorum* das purificações.

Ali, na mysteriosa sala sagrada, o bento pastor preto induzia as suas graciosas ovelhas a fazerem-lhe a divina offerenda do seu corpo e da sua virgindade — para serem purificadas. Dava-lhes explicações mysticas muito complicadas, em que entravam espirito e materia, coisas confusas e perturbadoras, claras como o proprio mysterio da Santissima Trindade, que convenciam as suas jovens crentes.

Purificadas, as eleitas do santo pastor eram candidatas á suprema distincção de «Mãis da Igreja» — e quando como taes eram proclamadas, solennemente, no templo augusto, entre graves pompas rituaes, os crentes desfilavam, humildes, submissos, unctuosos, beijando-lhes os pés santissimos. E muitas foram as que tiveram essa honra sublime, muitas mais as que foram purificadas na sala em que o instrumento de purificação não era precisamente a agua do Jordão...

Nesta vida salomonica vivia o pastor—como aliás muitos outros pastores das seitas que igualmente infestam a terra— e podia mesmo gabar-se da candida generosidade dos seus adeptos, que lhe davam como obolo dez por cento do que ganhavam. Cada um tem a sua caixa de S. Pedro, e á falta de milhões, Bibiano tinha a judiciosa modestia de se contentar com pouco, sem inveja dos concorrentes. Não tinha grandes ambições...

Com uma circumstancia, porém, deixou o santo satyro de contar: com as pessimas condições em que vegeta hoje o pequeno commercio, suffocado pela concorrencia do grande e sem ter, como este, forças para resistir á crise actual... O tempo está hoje para os *trusts*; Bibiano não fazia parte do *trust* das religiões, e por isso não podia esperar nem a impunidade para a sua exploração e a sua luxuria, nem a benevolencia dos incredulos, nem o perdão dos concorrentes. A tenda falliu. Uma religião, laboriosamente construida, desabou miseramente.

Assim desabem as outras!

Entre clerical e vendedor:

—Quem te deu a confiança de me offerecer a *Lanterna*?

—Como o senhor vai entrar numa igreja, que é um lugar escuro...

A Escola Moderna em S. Paulo

E' cada vez maior o enthusiasmo por esta bella iniciativa, que conquista todos os dias novas adhesões e apoios.

Brevemente o Sr. Orestes Ristori principiará na Mogyana a sua tournée de conferencias a pagamento com projecções luminosas, em beneficio da Escola Moderna. Os themas que elle tratará são os seguintes:

A creação miraculosa do mundo, com cerca de 80 projecções de vistas originaes sobre as meditações do Padre Eterno, sobre a creação fantasiosa do mundo, do Sol e das estrellas, dos animaes e das plantas, de Adão e Eva, sobre a tragedia de Caim, sobre o diluvio e a arca de Noé, etc. etc.

Descendencia do homem de formas inferiores de vida, com 60 projecções de vistas de valor historico importantissimo: vistas de paisagens prehistoricas, de restos fósseis de animaes pertencentes a especies desapparecidas do periodo secundario, terciario e quartenario da geologia organica; de vestigios de plantas e de animaes primitivos sobre pedra, de organismos monocellulares que representam as formas primordiaes da vida, de embryões e esqueletos de animaes que apresentam a maior analogia com os do homem; do apparecimento do homem no segundo periodo da epoca terciaria; da vida dos trogloditas das cavernas; dos seus primitivos instrumentos de silex e da sua arte rudimentar; do seu estreito parentesco com o grupo dos anthropomorphos (macacos sem cauda) sob o ponto de vista anatomico, morphologico, e segundo a classificação systematica das especies; dos principaes cultores do transformismo, Gœthe, Lamark, Wirchow, Darwin, Wallace, etc.

O flagello do alcoolismo, com umas 40 projecções impressionantes, relativas aos effeitos desastrosos produzidos pela lenta intoxicação alcoolica no organismo do individuo, nas condições da familia e nas relações sociaes: perda do sentimento, da dignidade pessoal, do amor á familia, aos filhos, ao estudo, tendencia para o crime, enfraquecimento physico, ulceração dos orgãos internos, atrophia da memoria, espantosas alucinações, *delirium tremens*, loucura, morte.

Francisco Ferrer e as suas doutrinas moraes, com projecções de vistas da *Escola Moderna*, do seu illustre fundador e dos algozes deste.

Alem disso, o Sr. Ristori fará, sobre outros assumptos, varias conferencias sem projecções.

Comicio na Lapa

Não tendo sido possive obter a tempo um local proprio, ficou adiado para occasião que opportunamente se annunciará, o comicio que devia realizar-se amanhã, 26, no suburbio da Lapa.

Vózes do céu

II

João Gomes das Rendas era o sapateiro mais antigo da villa dos Remedios, um bello lugarejo situado ao norte de Angra dos Reis, numa extensa planicie, a tres kilometros do mar.

Mestre Juca, como lhe chamava toda a gente, que ao todo não era muita: a villória não contava mais de umas seiscentas almas, inclusive a do vigario, se é que os vigarios teem alma e se é que de facto ha almas. Neste ponto em que os sabios discutem eu não quero decidir; faço como Pilatos... isto é, segundo os mesmos sabios não ha tambem grande certeza se Pilatos fez tealmente o que eu digo que faço como elle, sobretudo depois que começou a tornar-se duvidosa a existencia historica de um tal Jesus Nazareno, filho de certo carpinteiro judeu e por quem uma tal Maria Magdalena andou mortinha de amores... Não ha tambem, outrosim, plena certeza se o tal carpinteiro foi realmente o pai do dito Jesus: a igreja catholica ensina que o verdadeiro pai do cujo foi um certo S. Miguel alado, que entrou no casal quando o bom carpinteiro fazia um arado numa pequena granja de Judá; o bispo de Talleyrand assevera, porém, com toda a sua autoridade de ministro de Deus e de Napoleão I, que o verdadeiro pai do tal Nazareno não foi nem o S. Miguel nem o carpinteiro, mas sim um centurião honrado que um pretor romano mandara guardar certo templo judeu em que Santa Maria, como serva do Senhor, prestava aos forasteiros e homens por casar certa hospedagem que hoje só se obtem pela vil pecunia. No primeiro caso, pois, o tal carpinteiro não passa, em relação ao rapaz em causa, de um simples *editor responsavel*, como hoje se diz nas rodas *canailles*; no segundo... Oh! mas deixemo-nos de apreciações genealogicas, sempre tão inextricaveis, mas nes e caso mais do que em nenhum outro. O que eu queria dizer já deve estar entendido. Mestre Juca, pois, mau grado o seu appellido «das Rendas», com que elle muito se orgulhava — procedia de um abastado e femeeiro amigo que o avô delle tivera—não tinha rendas de especie alguma. Era um pobre de Christo. Afóra o que lhe rendiam os concertos de botas, sapatos e chinelos em que o pobre se estafava do nascer ao pôr do sol, a sua fortuna reduzia-se toda a um pedação de mulher, avantajada em corpo e actividade que lhe fazia o pirão, arranjava a cama e ajudava a manter a casa com a roupa que lavava para uma vizinha muito catita, muito beata e ainda muito boa para fazer crescer a minguada população da villa dos Remedios. E digo isto porque «crescei e multiplicai-vos» foi incontestavelmente uma das mais solidas e graciosas recommendações que Deus nos fez ao fazer-nos. Aliás, não será tambem ocioso recordar que dentre todas as suas sabias rĕcommendações foi justamente esta a que os homens (e as mulheres, está claro!) melhor souberam ouvir e seguir. Ora! foi tão suave ao ouvido, tão doce de cumprir e tão de se lhe tirar o chapéo—a tal recommendação—que até os animaes a ouviram e seguiram mesmo sem Deus lhos ter dito nada!

João das Rendas, o sapateiro, o mestre Juca — e digam agora que tres não são iguaes a um, ou que a Trindade é absurda — João das Rendas era corpulento, bojudo, de olhos grandes e gestos rudes—o que lhe dava um pouco de respeito. Morava paredes meias com d. Luiza de Magdala, a viuvinha referida, um bom pedaço de mulher, por quem — diziam as más linguas — o o senhor vigario andava tolinho de paixão.

Embora muito antigo no lugar, mestre Juca não era, comtudo, muito bem visto. As ideias um tanto arrevezadas por que se fizera notar e a sem cerimonia com que caçoava de Deus e de todo mundo tornavam no suspeitoso aos olhos da gente bem posta. Quando, então, se juntava com o seu compadre e amigo Lucas do Amaral, o sacristão da parochia, tornava-se terrivel, de uma mordacidade atroz. Bastará dizer, para dar uma prova da maldade da sua lingua, que até o vigario, um santo moço de 38 annos, que amparava em sua casa, carinhosamente e á sua custa, uma linda sobrinha orphã, de 18 annos — um encanto de juventude; bastará dizer que até esse santo homem não escapava aos chascos e sarcasmos do sapateiro

O diabo do pedreiro-livre junto com o sacristão, chegou até a espalhar que a tal sobrinhola não era sobrinha, mas sim filha do padreco e que, para cumulo do escandalo, dormiam ambos numa cama franceza convenientemente adornada, que a criada, em certos dias da semana, á noite, quando Deus dorme, ou pela tarde, quando o sol escalda, ouvia chiar estranhamente. Ah! mas aquillo, evidentemente, não podia ser verdade. Cesar Borgia está longe...

A sala de visitas de mestre Juca, que era ao mesmo tempo a sua officina, fazia, assim, com aquellas constantes palestras, justamente *pendant* com a botica da rua paralella. Eram, tanto uma, como outra, uma especie de club de má lingua, onde, diariamente, duas especies de gente se reuniam para commentar os casos do lugar, discutir politica e falar mal da vida alheia.

Uma tarde, estando o bom operario a dar as ultimas marteladas nos sapatos de uma beata, entrou-lhe pela porta dentro o sacristão Lucas com uma cara significativa de qualquer boa novidade.

O patusco entrou, sentou-se num tamborete e, sem nem se quer dizer boa tarde, ali ficou a olhar sorrindo para a cara do sapateiro.

— Que é, sacrista dum raio! disse por fim mestre Juca. Que trazes de novo, meu comedor de hostias?

O bom do sacrista já estava habituado áquelle tratamento e não se estomagou. Deu apenas uma risadinha e, depois, num trejeito maroto, assoprou:

— E' hoje, malandro! E' esta noite.

O sapateiro comprehendeu logo:

— A patuscada do teu senhor, pois não é?

— E teu tambem, que elle é ministro de Deus!

— Ah! pois mal sabes o que tenho pensado... Vou entornar o caldo ao vigario.

— Vê lá se me compromettes, hein? Olha que mais ninguem sabe. Se transpirar qualquer coisa, quem fica compromettido sou eu.

— Não tenhas cuidado. Como móro ao pé da viuva, direi, se for preciso—isto depois ha de se espalhar, soraiu elle—direi, se for preciso, que estava á janela por causa do calor e que, vendo entrar, assim á meia noite, aquelle Bom Jesus em casa da minha vizinha e senhoria— fiz o que fiz, isto é: o que tenciono fazer. Para descarado, descarado e meio!

O sacristão riu um pouco. Com alguma, evidentemente, é que o padre não contava.

— Mas que pretendes fazer, disse elle por fim.

— Ora, quando elle entrar, mando a minha dama subir por uma escada ao cimo da parede da nossa sala e, com um funil grande, gritar, pelo tecto, de vez em quando: — «Nazareno, Nazareno»—assim como se fosse uma voz do outro mundo.

Dahi a nada, duando os melros já estiverem para entrar no melhor, vou eu depois com o meu capotão, a fingir de S. Pedro, com um grande molho de chaves...

— Tu és o diabo, homem! interrompeu o outro sem poder conter o riso.

— . . . e, batendo á porta, digo que o Padre Eterno mandou chamar á pressa o maroto do Christo.

Os dois amigos desataram a rir, saboreando a desgraça do pobre ministro de Deus, quando, arrastando o seu corpanzarrão, entrou na sala a sra. d. Joanna com duas chicaras de café numa bandeja, á moda da terra.

— Que estão vocês a rir, seus diabos? disse ella intrigada e numa enorme careta de seriedade.

Os amigos redobraram na risota, agora atiçada pela séria presença da estranha.

— Estão a rir de mim, suas pestes? grunhiu ainda a boa da mulher. Mas neste ponto o mestre Juca, erguendo-se da banca para tomar o café, tão desastradamente o fez que, sem querer, deu com o braço na bandeja, a qual caiu ao chão com as chicaras, que tiniram em fanicos.

O riso dos dois estrugiu ainda mais.

Mas d. Joanna, furiosa, berrou:

— Ahi está em que dão as vossas risadas.

MOTA ASSUMPÇÃO.

FOLHETIM

GOLIARDO E RATALANGA 10

O "ASNO" NA LUA

FANTASIA INVEROSIMIL

A esthetica humana

E convidou o publico a comparecer no dia seguinte ao salão dos *Usos e Costumes* para tratar-se do argumento "Affinidades moraes entre os quadrumanos e os bipedes terrestres.»

Depois o professor, apertando a mão de monsenhor, despediu-o, emquanto toda a assembeia prorompia em ovações de agradecimento ao exemplar vivo, que se apressou em vestir a batina e em correr para o meio de nós, arquejante e despeitado.

* * *

O capitão deu seus parabens ao reverendo:

—Por Deus, monsenhor, agradou-me immensamente! Fazieis, ao lado do urango-tango, uma curiosa figura!

— A mesma que terieis feito!

— Mas ficou-me o desejo de conhecer as analogias moraes que por aqui descobriram entre nós e os macacos!

— Amanhã, disse o nosso amigo lunar, sereis satisfeito.

Agora, se quizerdes, podereis usar de azas para ir ao alojamento que vos foi destinado.

— Azas?

— Sim! Fizeram-se construir expressamente para vós, na officina publica, porque as nossas não seriam sufficientes para supportar o vosso peso e a gordura enorme que vos faz tão desgraciosamente achatados.

Voamos

O capitão, habituado a julgar-se Páris ou Ganimedes, nos camarotes de Costanzi, sentiu-se duramente offendido, mas consolou-se pensando que as damas de Roma não teem o senso esthetico dos lunares, e, desejoso de dar provas de coragem:

— Venham as azas! Bemvindas sejam as azas!

— Foram trazidas diversas, que um habil mechanico adaptou ás nossas axillas de modo maravilhoso.

— Ah! porque—disse eu ao velho — privar a Terra de tão preciosas invenções? Porque não fazer nos participar do fructo de vossas descobertas?

— Já vol-o disse. E' o nosso segredo e sabe-lo-eis a seu tempo.

— Uma coisa, entretanto, podereis explicar-me, que nos surprehende: como conhecieis a nossa lingua.

— Todos, na Lua, conhecem as differentes linguas da Terra.

— Como assim?

— Mercê dos telescopios poderosissimos que nos permittem ler as taboletas de vossos negocios, as indicações de vossas estradas, e mais ainda, graças aos recolhedores phonographicos, que nos fazem perceber, onde se queira, até o som de vossas palavras.

Caí mais uma vez das nuvens.

— Então conheceis as linguas de todos os astros.

— Não de todos, mas de muitos, e principalmente as da Terra, muitissimo vizinha de nós.

— E, usualmente, fálais uma lingua que não é das nossas?

— Certamente! Falamos uma lingua extremamente mais simples, que é ainda facilitada pela percepção do pensamento alheio.

— Como Pikmann, então?

— Nada de charlatanesco nisto. A vida é vibração e nós estamos em estado de perceber vibrações ainda ignoradas no grau de vossa evolução. A theoria por vós entrevista, de um sexto sentido, baseia se sobre uma realidade effectiva; o pensamento é movimento de atomos que um organismo desenvolvido como o nosso consegue sentir. Um de nossos doutos está neste momento estudando a photographia de pensamento materializado; será o ultimo golpe nas vossas superstições espiritualistas!

* * *

Tinham amarrado solidamente as azas e saimos para fóra.

— Se quizerdes—disse o nosso amavel cicerone —podemos ir ao telescopio terrestre. Podereis saber alguma coisa de vossos semelhantes.

Um grito de enthusiasmo acolheu a proposta.

— Então—disse o nosso Virgilio— segui-me sem temor. O voar tornar-se-vos-á instinctivo.

E partiu, seguido em primeiro lugar por monsenhor, que se librou nos ares como um morcego gigantesco.

Uma olhadela á terra

Voando através dos espaços luminosos, sobre aquelle solo todo fecundidade e harmonia, senti a immensa miseria do meu estado de cidadão terrestre, e pela primeira vez medi a distancia que separa o maior dos terrestres do mais humilde dos lunares, distancia muito maior do que a que distingue o homem do seu progenitor quadrumano.

— Advinhais por certo—disse ao velho — o meu pensamento?

— Imperfeitamente. As vossas vibrações, perturbadas pelas serosidades e pelas gorduras, são bastante mais debeis do que as nossas. Em nós, a parte preponderante e mais activa é o intellecto; em vós, a materia. Nós podemos sentir o pensamento de nossos semelhantes, ainda que não expresso verbalmente, comvosco isso não é possivel.

— Esta—disse—quero conta-la apenas chegue á Terra áquelles que põem a base da civilização na luta pela existencia.

— Sei, sei! Entre vós se entende que, cessada a necessidade material, cessa toda emulação. A famosa formula desprezadora «questão de ventre» chegou até nós e fez-nos rir muito.

— Vede então, que nós os socialistas terrestres, estamos em bom caminho.

— Certamente! Transformar a luta pela vida entre homem e homem, em luta pela existencia contra a natureza, é desfazer o nó que se oppõi á vossa evolução physiologica e tambem psychologica.

— Mas o socialismo não nos fará certamente mudar o organismo.

— Não com certeza. Para attingir ao nosso estado physiologico vos serão precisos milhares de seculos, tantos quantos foram gastos na passagem do anthropoide ao homem; mas o problema da comida, utilizando as riquezas terrestres, com um pequeno esforço da collectividade, todo o tempo e forças que hoje consagrais a nutrir o ventre, podeis dedica-los ao intellecto, que tomará immediatamente um maravilhoso desenvolvimento.

Um incidente inesperado suspendeu o nosso vôo.

(CONTINÚA)

Subsidios para a historia de um crime

O importante diario lisbonense *O Mundo*, no seu numero de 21 de novembro, publica uma carta recebida de Madrid, da qual extrahimos o seguinte:

"Ante-hontem encontrava-me em companhia de um official hespanhol, quando, á porta do café, onde nos achavamos, surgiu uma figura singular de homem atarracado, hombros largos e pescoço forte e curto, como que de proposito para sustentar uma cabeça enorme, quasi monstruosa, os olhos semi-cerrados, a barba espessa e ruiva, em bico, aspecto brusco, antipathico, quasi repugnante. Envergava elle largo pardessus, a cobrir-lhe as botas grossas, chapéo de coco antiquado, e um guarda-chuva grosseiro collocado debaixo do braço, naquella postura classica da gravura que antecede as paginas do *Seringador*. Olhei o homem attonito, chamando sobre elle a attenção do meu companheiro. Ao mira-lo, este exclamou:

— Olha Tresolls!... Sabes quem é Trézolls?

— Tenho uuma ideia vaga desse nome, repliquei.

E, emquanto procurava desenterrar dos escaninhos da minha memoria este nome que não me era estranho, o official, impaciente, accrescentava, elucidando-me:— E' o chefe da policia de Barcelona, meio monstro, meio analphabeto, que a custo garatuja o nome.

. . . .

Coincidia a presença deste homem com o momento preciso em que nós conversavamos sobre o caso Ferrer. Então, o official, amabilissimo, disse-me:— Vem a proposito este homem. Ouviremos a opinião do esbirro. E saudou Tresolls.

O chefe da policia acercou-se, respondeu ao cumprimento, descobrindo-se respeitoso; e estendeu a mão enorme, de dedos curtos e grossos, onde quasi triturou os dois dedos que o official puzera ao seu alcance, numa posição de desprezo, a 3|4.

. . . .

— Diga-me: Ferrer está bem morto? dispara a queima-reupa o official.

O chefe de policia mastiga em secco, olha-me novamente de alto a baixo, fixa-se no charuto que, por enorme, lhe dá tranquillidade e replica:

— Sim, e não...

— Como? Não o comprehendo...

— **«Sim, porque tinha feito muitas. Não, porque não ha o menor indicio de que Ferrer tivesse intervenção directa nos acontecimentos de Barcelona durante a semana tragica. Se por ventura a teve, foi por detrás da cortina, dando dinheiro e instigando, mas isso mesmo não está comprovado...» (Textual).**

Levantei-me enfastiado. O meu companheiro percebeu que eu ia a protestar indignadamente, mas defendendo a sua situação habilidosamente, despediu-se de Tresolls, gritando-lhe, num cumprimento desdenhoso:

—O que lhe admiro é a paciencia, Você, um homem já enriquecido, bem podia ter deixado aquillo... bem podia evitar os odios accumulados sobre a sua cabeça...

Trézolls estendeu o pescoço curto, inclinou a cabeça monstruosa e exclamou a murmurar quasi: — «Sim, já podia deixar aquillo...»

Mas, como se alguma coisa interior agitasse e revolvesse em colicas de odio as tripas daquelle varão, ergueu a voz e gritou:

—Vou agora ter com o sr. Moret. Elle mandou me vir para o informar da situação de Barcelona. E só por isto eu vim a esta detestavel terra que me olha sem respeito...

Retirava-se o homem. Descobria-se respeitoso, mas eu voltei-lhe as costas com arreganho, que não passou despercebido ao meu companheiro.

Ao ve-lo pelas costas, este exclamou: — Este mariola que aqui conheci impedido, já deve possuir para cima de 70 contos com os arranjos da policia...»

* * *

O *Daily News*, no seu numero do dia 18 de novembro publicava as seguintes palavras:

«O sr. Joseph Molabe publicou um livro sobre a vida e trabalho de Francisco Ferrer, cuja morte, ordenada pelo governo clerical hespanhol, produziu tão grande indignação na Europa. Intitula-se o livro *O martyrio de Ferrer*, e o autor prova de uma maneira concludente que quanto se disse sobre o crime e os seus autores é a pura verdade.

O sr. Molabe regressou ha pouco do continente, onde teve ensejo de se informar cuidadosamente de tudo que se refere á vida e obras de Francisco Ferrer e as suas conclusões são que o director da Escola Moderna não tomou parte directa ou indirecta na revolta que manchou de sangue as ruas de Barcelona.

Os padres da Catalunha pediam publicamente que os acontecimentos fossem attribuidos ao «fundador das escolas sem Deus». Molabe explica como uma «disparatada revolta» arrastou Ferrer a um «simulacro de tribunal».

Com pouco tempo para a sua defesa, rodeado por officiaes corruptos, fez um ultimo esforço. Escreveu uma carta a uma senhora de Paris fazendo a descripção detalhada do seu processo. A carta foi roubada.

Pediu para Inglaterra provas materiaes da sua innocencia, afim de as entregar ao seu defensor. Heaford e outros enviaram cartas e documentos. Tudo isso foi roubado.

Pediu que entregassem ao seu defensor os livros da Escola Moderna para trabalhos de defesa. Negou-se. Alguns amigos enviaram-lhe de Paris 300 francos. A terça parte dessa quantia foi roubada.

Assim se installou o tribunal que o correspondente do *The Daily Telegraph* diz ter procedido com «perfeita honestidade.»

Os nossos concursos

Para que serve o padre?

Para enganar, embrutecer e explorar a humanidade; para destruir a razão e propagar a mentira; para chupar o sangue como os morcegos; para destruir milhares de intelligencias infantis; para odiar e torturar; para servir de palhaço; para nada que seja util e bom. — *Raphael Peres Bilhegas.*

— Para desgraçar as mulheres, deshonrando as solteiras, seduzindo as casadas e enganando as viuvas, augmentando assim o numero de concubinatos e depois lançando essas infelizes victimas á prostituição. — *João Silva.*

— Para augmentar a prostituição e levar a desgraça ao lar, onde conseguir penetrar sob qualquer pretexto. *Francisco Pereira.*

— Só para fazer mal á humanidade e rouba-la, destruir tudo e nada produzir.—*José Silveira.*

— Para em vida comer e beber á custa dos idiotas e com as suas victimas povar os bordeis; e depois de morto para esterilizar a terra, porque o seu impuro corpo contém tudo quanto é contrario á vegetação. — *A. Barbosa.*

— Para augmentar o numero dos imbecis e destruidores das sociedades bem organizadas.—*Cunha*

— Para augmentar as desgraças e as mulheres perdidas.—*Jonas.*

— Para proliferar pela terra grande numero de pederastas.—*Abel.*

— Para estudar de noite o modo de fazer mal de dia.—*J. Falzetti.*

— Para attrahir os crentes a uma escuridão tal que só uma *Lanterna* com tantos raios de luz quantos os olhos mergulhados na treva será capaz de illuminar o caminho por onde poderão sair.—*Aquilino Cendon.*

— Para perturbar a paz, corromper as consciencias, encobrir crimes, levar a guerra e a intriga aos lares, enganar a humanidade, envenenar os espiritos fracos, roubar o fructo do trabalho dos outros.—*F. Antunes.*

— Para fazer patifarias nas suas parochias.—*Lydio Vallada.*

— Para seduzir donzellas nos confessionarios.—*J. Perdigão.*

— Para fazer esterco e derramar veneno nos cerebros juvenis. — *A. J. Campos.*

— Para procurar eclipsar com sangue humano a sciencia; para, com a baba nojenta da hydrophobia canina, ferir e pretender estorvar a Liberdade—apotheose dos povos.— *Atomo da Bahia.*

— Para perverter e idiotizar; para macular os corações e as carnes da innocencia; para saciar instinctos bestiaes nas crianças; para escudo dos capitalistas; para aconselhar aos pobres de espirito a resignação na terra, afim de ganharem o ceu; para inquinar o ensino da infancia com dogmas e superstições; para fazer automatos cegos e obedientes.— *Henrique Seseto.*

— A meu ver, frades e padres
para uma só coisa prestam;
para, prégando milagres,
roubar o mundo que infestam.

A. Ferreira Henriques.

— O padre, inimigo escuro
da verdade e do trabalho,
nas searas do futuro
servirá para espantalho.

G. Vaz.

— Um correligionario, que assigna Adolpho, mandou-nos, como resposta ao concurso, um frade de folha, lendo o breviario e levando pela mão um... porco symbolico.

—

São hoje publicadas as ultimas respostas que chegaram a tempo.

Algumas das respostas não foram publicadas porque não respondiam á nossa pergunta: eram definições, divagações, explicações, apostrophes, etc.

Em parte por nossa culpa, muitas das respostas vieram afogadas em longas disseratções e considerandos. Não se tratava, afinal, de escrever artigos, mas de responder o mais syntheticamente possivel. Para que serve o padre? Para isto; ou para isto e aquillo; e nada mais. Exactidão, originalidade na forma e concisão, eram as qualidades a alcançar. Taes são as recommendações que faremos para o proximo concurso.

— O julgamento das respostas para concessão do premio será entregue aos collegas do *Livre Pensador.*

Os nososs representantes

São nossos representantes fóra da capital os seguintes correligionarios, que espontaneamente se compromettem a auxiliar *A Lanterna*:

Amparo, sr. José Mendes.

Rincão, Pontal, Pitangueira e ramal de *Mogy-Guassú*, sr. Francisco de Almeida Ramalho.

Campinas, sr. Annibal Pace, rua Barão de Jaguara, 60.

Itatiba, sr. B. Martins.

Atibaia, dr. Olympio Paixão.

Guaratinguetá, sr. José Muniz.

Santos, sr. Luiz Bezzi, rua Martim Affonso, 16.

Jahú, sr. Octacilio Maciel.

Rio de Janeiro, srs. Manuel Moscoso, rua Camerino, 140 e João Leuenroth.

Nictheroy, Francisco Dias Filho, Padaria Flor do Barreto.

Palmeiras, sr. Adilio Ramos.

Salto de Itú, sr. Scipione Del Moro.

S. Roque, sr. Credo Negrelli.

Dobrada e lugares circumvisinhos, sr. Pedro Sermi Rossi.

Pirapetinga, (Minas), sr. Francisco Assis Teixeira.

Botucatú, sr. Domingos Dorsa.

Porto Alegre, sr. Cecilio Dinorá.

Jardinopolis, sr. João Zucchi.

Franca, sr. Urbano Peçanha.

Villa Americana e Rebouças, sr. Lucio Sandoval.

Em Cueityba, sr. Alvaro H. David.

Em S. Vicente, sr. Miguel Barcalla.

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

L'Ecole Rénovée

Revista quinzenal fundada por Francisco Ferrer, destinada á exposição das novas tendencias do ensino e á propagação dos methodos racionaes e praticos.

Redactores: Charles Albert e Maurice Dubois — 61, Rue du Cardinal Lemoine, Paris (V) — Assignatura annual: 5$000.

NOTA. — Depois do assassinato de Ferrer, que fazia face á maior parte dos gastos desta publicação, *L'Ecole Rénovée* tem a vida menos segura e depende do numero de assignantes. Todos aquelles que querem honrar a memoria de Ferrer, contribuindo para a continuação de suas obras, todos os professores estudiosos e amantes da pedagogia nova e da sua propria missão, concorram com o seu esforço para a vida desta revista, assignando-a.

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: 3$000.

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.

Assignatura annual: 5$000.

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.

Assignatura annual: 2$000.

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: 1$500.

Internaca Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.

Assignatura annual: 2$500.

A venda nesta redacção:

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Visconde de Sapucahy;

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

THEATRO S. PEDRO, á praça Tiradentes;

RUA DO OUVIDOR, no salão de engraxate, ao lado do Café Java.

FOLHETIM (10)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

III

Ellas se cumprimentaram, fitando-se como rivaes, com o riso convencional nos labios, procurando cada qual ver o ponto fragil do inimigo.

O velho, encanecido, arredio como homem conhecedor da vida, ligando pouca importancia a essas provas convencionaes de affecto que a hypocrisia social creou, correspondeu á apresentação com um gesto acanhado, lendo-se no rosto a amargura que lhe avincara a ingratidão do sobrinho.

— E tá em V lla Nova, agora?

— Viem a passeio. O papai continúa com os procuratorio, m-bora faça pouco.

— Deveriam ter-me escrip o: angariaria constituintes em minha zona.

— Já está velho e não póde com muita confusão; tambem é tão pequena a nossa familia... Vai a Congonhas cumprir algum voto, s m duvida, dissera para Laura, encetando dialogo.

— Vou, sim! Por m m e por Julio; é milagre dobrado que pedimos ao Bom Jesus! — r spondeu Laura.

— Pois nós vamos a passeio — tornou Carmen. O papai, sempre preoccupado em amenizar-me a existencia, inventa de quando em vez destas viagens.

Calaram-se. Embora a moça procurasse com o bom genio de creatura feliz, trazendo a consciencia tranquilla, animar o dialogo, um certo embaraço reinava nos interlocutores e sentia-se entre elles algo de profundamente quebrado, que não se soldaria jámais. A loquacidade do bacharel se esphacelava em face das recordações do passado, do acto vil com que enodoara a sua mocidade, fazendo-se ingrato e desleal.

Laura não podia se expandir tambem, embora p ocurasse fazelo, em face da antiga rival superior em tudo: dotes physicos, educação, criada num meio bem diverso, constituindo por si um verniz deslumbrante. A sua infancia, decorrida numa fazenda, entre scenas nefandas de escravidão e a boçalidade do velho pai ambicionando conquistar terras para deixa-las inactivas ou para exercer ainda mais tyrannicamente sobre o misero proletario a servidão do salariado, matando a peq ena lavoura... a sua infancia nunca tivera desses attritos felizes quebrando as arestas de uma hereditariedade má. Devido á facilidade com que as mulheres se adaptam a um novo meio, Laura não era rustica como certas flores selvagens desabrochando em culto sertão; por vezes, naturalmente obedecendo ao instincto de imitação, se exaggerava um pouco nas maneiras, nas vestes. O marido, visando nella o dinheiro, não procurava encaminhar melhor os pendores de uma intelligencia lucida. A sua linguagem era commum, pouco eivada de erros, comtudo, pois tinha o bom senso de se calar quando não estava á altura do assumpto. Dissabores de outra especie, no mundo moral, em consequencia da natureza sensual e nevrotica de Laura, tinham amargurado os dias do bacharel. Era, tambem, um ser maculado o Sena, escravo do vicio — o jogo, jungindo-lhe a vontade, matando nelle o instincto de enthesourar ou nascendo, talvez, desse mesmo pendor. Jamais tivera certeza plena de infidelidade da esposa, mas as noites solitarias a que a condemnara, emquanto perdia loucamente o dote recebido, eram um aviso e uma attenuante ás faltas della. O Chagas, companheiro de viagem, tivera bellas occasiões, mas não tentou a conquista. Era o que podia haver de mais José. A dura lição de um passado distante, prenhe de dissabores ainda lhe ecoava na alma vibrantemente para que pudesse esquecer e trair-se. Além disso o seu ideal de mulher não era aquelle.

Laura era morena, cabellos castanhos. Por vezes fulgurações estranhas lhe passavam pelos olhos negros mas sem aquella expressão excelsa e bem rara de certas mulheres que escutam, veem e falam com o olhar. O corpo, delicado embora, não tinha o contorno artistico de linhas, constituindo um dos predicados de Carmen, por quem se s ntia imantado e preso.

Ella palestrava agora com o primo, o bacharel, o nullo! Como lhe jorravam dos labios sonorosas e bellas as phrases edulcoradas de uma attracção celica encantando-o ainda mais.

(*Continúa*).

O que se faz nos seminarios e nas parochias

Revelações do ex-sacerdote Don Francisco Bigliazzi



Peccados intimos

(*Continuação*)

As paixões desenfreadas e antinaturaes do clero são, infelizmente, um facto real.

E já o indigno padre se preparava para executar outras proezas, quando a noticia dos seus actos chegou aos ouvidos do director. Mas já era tarde e o mal feito não tinha remedio.

Felizmente a quaresma estava no fim e o estabelecimento viu-se livre de semelhante monstro, marcado com os distinctivos sacerdotaes, crescido á sombra do santuario, no meio dos Santos e das Virgens. Heide sempre recordar-me das palavras que este padre me dirigiu uma tarde quando o encontrei na coxia de S. Thomaz: «Chiquinho, porque não vens visitar-me? Espero-te com muito desejo. Chiquinho, longe dos olhos, longe do coração.» E tudo isto porque não pudera sussurrar-me aos ouvidos as palavrinhas que tanto agradavam a muitos dos meus companheiros.

Lembro-me ainda do que me succedeu um dia ao ter de entrar no seu quarto. Era ao pôr do sol.

Logo que me viu, o corvo veio ao meu encontro e beijou-me, exclamando: «Eis um novo amigo, que amarei como a um filho! Terás tambem os meus beijos de cada dia — repetia, depois de me haver forçado a sentar-me nos seus joelhos, contanto que me visites a miudo.»

Ao pensar que ha homens tão falhos de senso moral, sinto o coração cheio de odio e desprezo contra todos os que querem passar por moralistas em nome de um Deus.

Para sanar chagas gangrenosas, que o honesto prégador abrira, foi chamado um capuchinho para nos fazer um curso de exercicios espirituaes. Mas o frade soffria do mesmo mal do padre, e assim as ovelhinhas do rebanho do bispo, em vez de ser curadas, adquiriram doenças ainda peiores.

* * *

E' impossivel entrar em todos os particulares da corrupção dos padres. Direi uma coisa que parecerá estranha, muito estranha, mas que é verdadeira. Outro dia, havia anoitecido quando veio visitar-me um seminarista, gordo e corpulento como um pequeno touro, que me achou sentado sobre a cama tendo na mão as *Maximas eternas* de Sto. Affonso, do santo autor da famosa *Theologia moral*.

Elle que de ascetismo nem queria ouvir falar; obrigou-me a tirar o livro e a sentar-me perto delle.

Pelos seus modos comprehendi que queria falar-me de coisas intimas. Effectivamente começou *ex abrupto*:

— Francisco, nós somos infelizes; temos de definhar entre estas paredes sem conforto, sem um prazer que nos recreie. Sempre que contemplo essas bellas raparigas da cidade, que vêm ao poço tirar agua, bate-me o coração, sinto uma grande necessidade de amar.

— Na tua terra ha muitas mulheres bonitas, — respondi eu; — porque não arranjas a amizade de algumas dellas?

— Estou esperando as proximas férias.

— Muito bem.

Neste instante convidou-nos a sineta á reza do rosario e não pudémos proseguir no dialogo.

Dois mezes depois, soube eu que esse seminarista tinha conseguido o que desejava, estuprando uma menina de doze annos!

DON FRANCISCO BIGLIAZZI —
Ex-prefeito do Seminario.

PEQUENOS ÉCOS

Aviso leal e amigavel a alguns carteiros e agentes do correio — Cada funccionario publico é ao mesmo tempo um homem, um cidadão na plenitude dos seus direitos: pode, pois, como cidadão, professar, proclamar e propagar qualquer ideia politica ou religiosa. E se um catholico, fora do exercicio das suas funcções publicas, fosse opprimido na manifestação da sua crença, ao seu lado nos acharia, defendendo-o.

Mas o funccionario publico, como tal, não pode ter preferencia por ideia alguma, em obediencia á mais elementar honestidade. No cumprimento da sua funcção, se não é um inconsciente e um crimin so, é absolutamente neutral; e o seu ponto de honra consiste em executar o seu trabalho de uma maneira escrupulosamente imparcial.

Este imperioso dever é evidente quando se trata de empregados postaes. Nessa qualidade, o funccionario faz chegar cuidadosamente ao seu destino a correspondencia que lhe é confiada — e nada mais. O seu serviço nada tem que ver com as ideias proprias, nem com as que vão expressas nos papeis a entregar, nem com as dos destinatarios.

Este sermão não se dirige aos funccionarios postaes zelosos e cumpridores dos seus deveres, os quaes são, para honra de todos, a enorme maioria; mas a alguns que o fanatismo leva á deshonestidade. Dos nossos agentes, amigos e assignantes recebemos varias queixas relativas a certos agentes do correio e carteiros.

Alguns carteiros teem mesmo tomado a liberdade de aconselhar a quem o recebe a recusa do nosso jornal! Agentes ha que nos devolvem a folha como tendo sido recusada ou como não reclamada, ao passo que depois os destinatarios nos escrevem queixando-se da falta! Outros não entregam nem devolvem o jornal. Etc.

Pois bem: a nós repugna muito prejudicar trabalhadores no seu ganha-pão; e é por isso que temos soffrido em silencio taes atrevimentos.

Mas os abusos continúam, e nós temos de reagir. Aqui fica, pois, o aviso, na esperança de se corrigirem os visados.

Do contrario, seremos obrigados a apresentar queixa contra os deshonestos funccionarios.

A quem recebe o jornal — Segundo o costume seguido por toda a imprensa mandamos o jornal a endereços que nos são indicados por amigos e correligionarios. Se quem assim o recebe não o quer, tem um meio simples: entrega-o de novo ao carteiro ou agente.

Alguns, porém, ficam com o jornal e depois, quando apparece o cobrador, recebem-no com insultos ou recusam brutalmente pagar, pois *nada encommendaram*. E' um desaforo contra o qual protestaremos, publicando os nomes desses exploradores da imprensa numa lista de *honra*.

Visita. — Deu-nos o prazer da sua visita o nosso correligionario Sr. Honorio Guimarães, director d'*A Escola*, revista dedicada á instrucção publica de Minas, de Uberabinha, e fundador do Congresso dos Professores do mesmo Estado.

Desenho. — Um correligionario mandou-nos dois desenhos, um — *O effeito das galhetas*, e outro — um gordo tonsurado com o sacco das missas. Agradecemos e aproveitaremos opportunamente.

Hygiene... intelligente. — Escreve-nos um leitor: «Logo na entrada da riquissima igreja de S. Bento lê-se um papel, recommendando não cuspir no velho assoalho do templo; mas não se encontra nem vestigio de escarradeira.» Pois bem: que os fieis cuspam para o ar, ou na cara do padre.

Bar Criterium. — Se os nossos amigos querem passar um bom quarto de hora, com o calor e a sêde que reinam, vão ler a *Lanterna* e beber um chope ou um refresco delicioso ao elegante *Bar Criterium* do largo do Rosario (Palacete Briccola).

União Maçonica

Como é notorio, a Maçonaria do Rio Grande do Sul acha-se separada da dos outros Estados desde 1893, havendo conseguido fazer-se reconhecer como potencia regular pelas principaes da Europa, Africa e America, tendo sido um dos fundadores do *Bureau* internacional de relações maçonicas.

Pela sua constituição, o Grão Mestre tem poderes amplos, até o de nomear livremente o grande secretario e o grande thesoureiro, cargos de eleição em todas as outras jurisdicções: como chefe supremo, porém, do poder executivo, está sujeito á responsabilidade.

Outras innovações em maçonaria adoptou o Grande Oriente deste Estado, como as tendentes a garantir inequivocamente e para sempre os creditos e a moralidade administrativa dos negocios maçonicos.

Instituiu a *contribuição solidaria* de dois mil réis mensaes para todo aquelle que quizer fruir completos os privilegios de maçon activo; e obriga-se a dar ás suas familias, no dia da viuvez, 500$ para o luto.

Possue a maçonaria rio-grandense templo proprio, em magnifico local, rua General Camara, 56, capital do Estado, onde funccionam a grande secretaria, a grande thesouraria e a bibliotheca. Fundos de reserva bem collocados lhe facilitam o cumprimento de qualquer compromisso superveniente.

Comprehenderam, porém, os maçons rio-grandenses que a actualidade latino-americana exige toda a somma de conjuncção de esforços humanistas e acceitaram mediação para uma aproximação entre os grandes orientes, do Brasil e do Estado, da qual vai resultar a união dessas duas potencias.

Oxalá tudo se realize com vantagens seguras para todos.

Com isso muito terá a lucrar a sociedade opprimida por elementos compressores da Liberdade, do Progresso e da Razão.

Oxalá!

Porto Alegre. D'ALM.

Bilhetes e recados

Lapa — M. Munhoz: Conseguimos encontrar 1 exemplar da *Razão contra a fé*; e como o seu nome é o primeiro da lista dos que o pediram, pode vir buscar.

S Paulo — J. Lago: Já temos *Christo nunca existiu*. Pode vir buscar.

S. Roque — Negrelli: Recebemos os 25$. Mandámos o retrato de Ferrer e o numero especial. Saudações.

Rio — Comesanha: Recebemos a lista e tomamos nota. Saudações.

Nictheroy — J. Martins: As respostas ao concurso, como publicámos, deviam ter vindo até 30 de novembro. A tua veio fóra de tempo. Sentimos, porque é original.

Santos — J. Arias. A resposta é boa, mas veio tarde, como a de cima. Breve abriremos outro concuso.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales. e tudo quanto concerne á administração o favor de endereçar a correspondencia ao administrador d'A LANTERNA — **EDGARD LEUENROTH**.

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado), e não caixa do correio, como por engano saiu.

♠

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame*.

♠

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nas é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna*, na secção *Bilhetos e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

♠

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

Tencionamos facilitar aos nossos leitores a acquisição de obras — livros e opusculos — sobre a questão religiosa e social, que elles poderão, por nosso intermedio, mandar vir de fóra ou obter da bibliotheca que esperamos poder brevemente constituir e alargar. Temos o projecto de editar quanto antes um pequeno catalogo não só das publicações que tivermos em deposito, como das que poderemos encommendar fora para os nossos amigos: livros, opusculos, revistas, periodicos, cartazes illustrados, etc. Assim completaremos a nossa modesta obra de guerrilheiros, proporcionando aos anticlericaes e livres-pensadores fontes de estudo, meios de se tornarem cada vez mais conscientes das ideias de liberdade de que são defensores.

Entretanto, temos já á venda:

TIERRA LIBRE, fantasia communista, por Juan Grave, em hespanhol
Edição da *Escuela Moderna*, de F. Ferrer
Preço: 2$000
Elegante volume de 200 pag. encadernado em percalina

Os Amassadores (novella), Gorki	200
A Mulher e o Militarismo, D. Nieuwenhuis	100
A Peste Religiosa, J. Most	100
Religião da Morte, H. Salgado	1$200
Sciencia e Religião, Malvert	2$600
Os Apostolos, Renan	3$500
Vida de Jesus, »	3$500
S. Paulo, »	3$700
Religião e Evolução, Haeckel	1$400
Monismo, »	1$200
Christo nunca existiu, Milesbo	$700

N. B. — E' natural que, não tendo nós capital para empregar na bibliotheca, todos os pedidos DEVEM SER ACOMPANHADOS DA RELATIVA IMPORTANCIA, sem o quê não poderão ser satisfeitos, visto termos de pagar adiantadamente ás livrarias ou editores.

Les Homme du Jour

Interessantissima publicação illustrada semanal de biographias e critica social, literaria e artistica.

Collaboradores artisticos: A. Delannoy, M. Robin, Hermann-Paul, etc.

Redactor em chefe: Victor Méric.

Assignatura annual: 6$000.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 100 réis o numero avulso.

Retratos de Ferrer

Um amigo poz á venda em nossa redacção, ao preço de 2$, diversos exemplares de uma boa photographia do grande martyr.

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer.

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Magnificamente impressa em papel de luxo, com o retrato de Ferrer na capa, esta polyanthea publica artigos e poesias sobre Ferrer e a sua obra; a exposição de principios e estatutos da Liga Internacional para Instrucção Racional da Infancia; notas bibliographicas sobre as publicações da Escola Moderna, etc.

PREÇO VOLUNTARIO

«A Lanterna» no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulsamente em quasi todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Selles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, na livraria do sr. Annibal Pace, rua Barão de Jaguara, 60.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua General Camara, 14.

Em Batucatú, no agencia do sr. Domingos Dorsa.

Aos amigos

Solicitamos instantemente de todos os companheiros o envio de nomes de pessoas que provavelmente assignarão *A Lanterna*.